

naquele espaço – ameaçando demolir o restaurante – tendo o regime enfrentado grande resistência por parte dos estudantes. Em fevereiro de 1968 os militantes do MEL, marcando posição diante as lutas estudantis, divulgaram as resoluções do 1º Encontro Nacional de Estudantes Libertários no quinto número de *O Protesto*, onde defendiam: 1) criação de um comitê coordenador dos estudantes libertários, visando criar uma organização local e depois nacional; 2) participar ativamente das manifestações estudantis que visem lutas reivindicatórias; 3) expressar ampla solidariedade ao estudantado e à todo movimento social em prol da dignificação dos sindicatos operários e de melhorias em suas condições sócio-econômicas; 4) influenciar para que as decisões das entidades estudantis sejam verdadeiramente representativas e não aquelas de “grupos” ou indivíduos dirigentes e por fim, 5) apoio a UNE desde que independente de interesses políticos-demagógicos e religiosos [11].

Vê-se, portanto, que o MEL possuía relativa estrutura organizativa e um programa mínimo de ação. Contrariava-se assim a afirmação feita no livro *Brasil Nunca Mais*, de que o MEL era apenas uma “denominação que as autoridades policiais forjaram para intitular as atividades de um grupo de anarquista” ou que tal sigla era apenas fruto da imaginação dos policiais [12]. O contexto político e organizativo dos anarquistas estava aquém da capacidade da esmagadora maioria da esquerda, mas há uma intenção organizativa muito bem delineada. No plano da intenção defendem “aumentarmos nossa propaganda, criando grupos nos locais de trabalho, nas escolas e se possível no campo” e defendem formas de atuação nos sindicatos [...], nas escolas, no local de trabalho, na sala de aula”. Relatando uma dificuldade, mas projetando um determinado perfil militante, o manuscrito defende que “nossa tarefa é criar verdadeiros militantes (ativistas) da revolução social” [13].

Com razoável articulação, os militantes do Rio de Janeiro pertencentes ao MEL teriam um ano atribulado. Neste ano de 1968, organizariam debates,

conferências, formariam grupos de ação de rua, reuniões e venderiam folhetos ideológicos [14]. Outro tema pautado pelos estudantes libertários foi o acordo assinado pelo Ministério da Educação e pela *United Agency for International Development* e que ficou conhecido como acordo MEC-USAID. O acordo enviou cinco estudiosos norte-americanos para analisar o ensino superior brasileiro e produzir um relatório que subsidiaria a reestruturação das universidades públicas [15] para empreender uma reforma na estrutura universitária brasileira, adaptando-a às exigências modernizantes do sistema econômico capitalista e o bloco de poder que se consolidava após 64. Para isso, não havia dúvidas de que a contenção do movimento estudantil, que resistia às propostas de modernização autoritária do ensino era algo a ser considerado pelo regime.

Um militante que escreve no jornal *Dealbar* dirá que “quem observa atentamente o movimento universitário no Brasil facilmente constata que êle se tornou o bastião do protesto e da inquietude política e social”. Afirma que para tanto, o governo precisa impedir que as pessoas vindas das camadas pobres possam ascender a Universidade [...]”. Denunciando o que considera uma atitude imperialista, o militante denuncia o objetivo do acordo, que é “desenvolver uma filosofia educacional para o continente... Bem entendido a filosofia deles americanos, que sirva a seus interesses e propósitos” [16].

A postura anti-imperialista e contra o acordo MEC-USAID defendida pelo MEL se vincula ao contexto político-cultural do final dos anos 60, mas entendendo o anarquismo por uma visão de longo prazo, não é necessariamente uma inovação [17].

O grande estopim da crise do regime com o movimento estudantil viria com o assassinato do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto. Em torno da tensão da chegada do quarto ano de aniversário do golpe, no dia 28 de março de 1968, os estudantes se organizavam para ir em passeata à Assembleia Legislativa para reivindicar melhores condições do restaurante.

Neste dia, a polícia se antecipou, cercou o Calabouço e reprimiu brutalmente os manifestantes. O saldo foi a morte por disparo de fogo de Edson Luís, cujo corpo foi carregado até a Assembleia pela massa estudantil. A “morte do estudante foi o estopim que fez explodir as tensões com os estudantes mobilizados contra o regime havia dois anos” [18].

No editorial de abril de *O Protesto*, os anarquistas afirmarão que “é preciso que a morte de Edson Luís não seja em vão.” Para estes “nada adianta se sua morte não fôr sentida, se sua luta não fôr avante” [19]. As sequências de mobilizações seriam intensas e o MEL lançariam um panfleto intitulado “Olho por Olho: dente por dente” que atrairia ainda mais os olhares dos aparelhos repressivos e sofreriam com o *Centro de Estudos Professor José Oiticica* (CEPJO), repressão dos agentes da Aeronáutica em 1969, que culminaria em 18 presos, alguns destes torturados e a maioria processados pelo aparato repressivo, até sua absolvição em 1972.

Rafael Viana da Silva

* Esse texto é um resumo da pesquisa de doutorado em andamento, sobre o anarquismo em três países: Argentina, Brasil e Uruguai.

Notas

[1] Hora de Realizações. Página Juvenil. *O Protesto*, Rio Grande do Sul, Novembro de 1967, nº 02, p. 04.

[2] RIDENTI, p. 119. Não se pode esquecer segundo Ridenti, que os estudantes também são recortados por distintas interseções de classe. Muitos estudantes também trabalhavam.

[3] FILHO, João Roberto Martins. “O movimento estudantil na conjuntura do golpe” In. TOLEDO, 2014, p. 97.

[4] LIMA, 2013, p. 24.

[5] RIDENTI, p. 120.

[6] NAPOLITANO, p. 88.

[7] Carta, 02/11/1967, Rio de Janeiro, [para] Jaime. 1 páginas, p. 01

[8] Pedro Catalo. Carta, 17/07/1967, São Paulo, [para] Companheiros do Rio, Rio de Janeiro. 1 páginas, p. 01.

[9] Cf. RODRIGUES, 1993, p. 150.

[10] Encontro Nacional de Estudantes Libertários. *O Protesto*, Rio Grande do Sul, Dezembro de 1967, nº 03, p. 06-07.

[11] 1 Encontro Nacional de Estudantes Libertários. *O Protesto*, Rio Grande do Sul, Fevereiro de 1968, nº 05, p. 04.

[12] BRASIL NUNCA MAIS, 1985, p. 112.

[13] Manuscrito sem título, p. 2. *Brasil Nunca Mais Digital*.

[14] RODRIGUES, 1993, p. 151.

[15] Cf. PINA, 2011, p. 10.

[16] LEITÃO In *Dealbar*, São Paulo, Novembro de 1967, nº 09, p. 01.

[17] CORRÊA; SILVA, 2013, p. 25.

[18] NAPOLITANO, p. 89.

[19] PMs Matam Estudante. *O Protesto*, Rio Grande do Sul, Abril de 1968, nº 06, p. 01.

